

Com longa trajetória no mundo das HQs, Lobo comanda a Brasa Editora e atua como roteirista; no detalhe, página de *Lovistori*, ilustrada por Alcimar Frazão



BRASA EDITORA/DIVULGAÇÃO/JC

ANTONIO MANNIERI/DIVULGAÇÃO/JC

Reportagem Cultural



(DES) VENTURAS DE UM EDITOR DE QUADRINHOS

Daniel Sanes, especial para o JC

Estamos nos últimos dias de março. O verão ficou para trás, mas ainda faz muito calor em Porto Alegre na noite em que Sandro Gomes Ferreira, mais conhecido como Lobo, recebe a reportagem do **Jornal do Comércio** para falar sobre sua trajetória como editor e roteirista de quadrinhos.

Na Brasa, o clima também é de transição: incorporada pela Holding in.Pacto em novembro de 2025, a editora se prepara para deixar o antigo casarão na rua José do Patrocínio, esquina com a Luiz Afonso. Na semana seguinte, já está operando na sede do grupo. O bar-livraria na Cidade Baixa permanece ativo, com novo nome (Zine) e sob o comando do cartunista Rodrigo Geraldi, responsável pela identidade visual da Brasa.

Lobo se mostra genuinamente animado com a mudança. Até porque o catálogo da editora vai continuar por ali, assim como a agenda de eventos da casa.

“Administrar nunca foi o meu

forte. Eu sei fazer livro”, ressalta. “Quando a empresa começa a crescer, as obrigações vão crescendo junto – administrativas, jurídicas, financeiras. Até agora, a gente sobreviveu. Só que chega uma hora que apenas sobreviver não basta: tem que investir para o trabalho crescer.”

Se tem alguém que pode falar com autoridade em como sobreviver no instável mercado de quadrinhos brasileiro, é Lobo. Com passagens por editoras como Desiderata e Barba Negra, ele admite que já pensou em desistir. Mas a paixão pelo ofício sempre falou mais alto.

“Trabalhei por anos com publicidade; era um publicitário medíocre. Me descobri um roteirista razoável e, como editor, senti que poderia fazer a diferença. Se deu certo? Olha, eu penso nisso todo dia. Acho que tem dado”, ri.

A própria Brasa é um exemplo dessa persistência. Em operação desde 2021, a editora nasceu no apartamento de Lobo e sua então companheira, a artista visual Samantha Desimon, conhecida

como Samanzuca.

Logo, veio o primeiro percalço: ainda durante a pandemia, Samantha foi diagnosticada com câncer e precisou se submeter a um tratamento delicado. Quando a dupla buscava um ponto comercial para expandir a operação, veio a enchente de 2024. No dia da mudança, as águas começaram a subir. “Só conseguimos nos mudar uns dois meses depois. Ficamos sem capital de giro, foi bem complicado.”

No ano passado, Samantha – que, segundo Lobo, era quem melhor se virava com as planilhas – foi morar no Rio de Janeiro. Quando o editor entendeu que era preciso profissionalizar a gestão, aproximar-se da in.Pacto acabou sendo uma escolha natural.

“O Klécio Santos (CEO da holding) era nosso autor, e a relação com ele sempre foi muito boa. Pensei que poderíamos ter uma ótima relação como sócios também. O modelo de negócio em nada interfere na liberdade editorial da Brasa”, garante.

Os frutos já estão sendo colhidos. Para este ano, Lobo projeta oito lançamentos – um deles, que sai agora em maio, é *Terror nas Dunas*. Escrita por Klécio em parceria com o desenhista Maumau, a HQ narra a trajetória de crimes do *serial killer* conhecido como Maníaco do Cassino.

Recentemente, o quadrinista esteve na Itália, onde participou da Bologna Children’s Book Fair. O mercado internacional, aliás, sempre esteve no radar do criador da Brasa. Mas sem abrir mão da brasilidade, explícita no próprio nome da editora.

“Uma coisa que aprendi com o (falecido cartunista) Ota é entrar em uma livraria e não procurar o que tem, mas o que está faltando. Percebi que faltava espaço para o quadrinho brasileiro. É claro que algumas editoras já faziam isso, mas ninguém levantava a bandeira de forma mais objetiva.”

Nascia, então, a Brasa, assim batizada por sugestão do diplomata Igor Trabuço. Já nos primeiros lançamentos, a editora mostrou a

que veio: os romances gráficos *Brega Story*, de Gidalti Jr., e *Lovistori*, escrito por Lobo e ilustrado por Alcimar Frazão, ganharam elogios rasgados da crítica. O primeiro foi escolhido o melhor álbum de quadrinhos na CCXP Awards 2022.

De lá para cá, os títulos da Brasa abocanharam diversos prêmios, e a própria editora foi agraciada duas vezes com o Troféu HQ Mix. O prestígio é tanto que autores como o baterista Marcelo Bonfá, ex-Legião Urbana, e o cientista político Luiz Eduardo Soares a elegeram para publicar, respectivamente, a HQ autobiográfica *Minha banda preferida de todos os tempos* e o romance *Crânio de vidro do selvagem digital*.

“Quer reconhecimento maior do que grandes autores interessados em publicar pela sua editora? As pessoas veem qualidade no nosso trabalho”, diz, sem falsa modestia. Nada mal para um publicitário cujo sonho era sobreviver publicando quadrinhos.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Thomas Mann com respeito e dignidade

Morte em Veneza foi escrito por Thomas Mann em 1912, quando ele se mudou para Munique. É um texto bastante curto para os parâmetros de Mann, com pouco mais de cem páginas. Ficaria célebre a partir do filme de Luchino Visconti, de 1971. O ator, diretor e produtor Roberto Cordovani foi bastante ousado em escolher justamente esta obra para uma interpretação solo, desdobrando-a enquanto solilóquio, o que aliás acompanha, de certo modo, o próprio texto. Cordovani, contudo, inspirou-se tanto no texto original quanto no filme. Do original, ele centrou sua atenção no enredo em torno da descoberta da paixão do escritor Gustav von Aschenbach por um jovem, de não mais de doze anos de idade, que ele imagina chamar-se Tadzio, integrante de uma família polonesa que também está passando as férias em Veneza.

O texto de Mann é uma metáfora sobre a beleza que, ao nível do enredo, é personificada no rapaz pelo qual o escritor maduro (cinquenta anos, segundo o texto), julga se apaixonar: pode-se ler, assim, a narrativa, enquanto um romance homossexual, mas me parece que não é esta a intenção de Mann. Ele pretende ressaltar a fascinação que o Belo pode provocar em um artista sensível, como seu personagem central.

Assim, há uma narrativa em terceira pessoa, que acompanha muito de perto a Aschenbach, e onde a voz do escritor, em suas reflexões, num procedimento de fluxo de consciência à Henry James, é trazida ao leitor. Mas o aspecto externo do personagem, inclusive o figurino, criado por Renaldo Machado, segue de muito perto à figura do filme de Visconti, interpretado por Dirk Bogarde. O cenário de Karrys Aldabalde se constitui de um telão acinzentado, ao fundo e no centro do palco, sobre o qual se projetam imagens de Veneza, garantindo, assim, uma mobilidade espacial bastante naturalista. No mais, há uma cadeira de praia, uma mesa que sugere a entrada do hotel em que o personagem se hospeda, e

uma outra mesa, no lado oposto, que circunscreve o alojamento do escritor.

A trilha sonora de Sacha Amaback reproduz a do filme, e sua contribuição, certamente, foi a escolha de trechos e quando ocorreria sua incidência na encenação. O tema musical, aliás, é por si só lento e introspectivo, o que ajuda a criar o clima narrativo, tanto no filme, como no espetáculo teatral, com uma mudança radical: a câmera do cineasta sempre acompanha os personagens desde longe, enquanto, na encenação, temos o personagem se expressando direta e intimamente diante dos espectadores. Assim, o *adagietto* da *Sinfonia nº 5, em dó sustenido menor*, de Gustav Mahler, é um dos elementos fundamentais para a afirmação da obra, tanto no cinema, quanto no teatro: seu ralentando evidencia o clima de certo constrangimento do escritor, à medida em que vai descobrindo a verdade sobre si mesmo e reflete profundamente a respeito da criação artística e do Belo, tanto que muitos consideram este como um manifesto estético de Thomas Mann.

A interpretação de Cordovani é segura, bem marcada e pausada. Talvez em alguns momentos o silêncio seja demasiado - sobretudo em suas saídas de cena, sendo substituído por uma voz em *off* - mas nada que desconstitua a narrativa. O controle sobre a cerca de 1h de encenação também evidencia o cuidado de Cordovani em não perder a atenção do espectador.

Confesso que fui com uma expectativa curiosa conhecer o trabalho de Cordovani, a quem já assisti em bons e maus momentos. Mas saí satisfeito: há seriedade e dignidade neste trabalho, um bom exemplo de como a troca de linguagem não é necessariamente prejudicial. Como disse, a dramaturgia precisou escolher, digamos, o lado externo da narrativa de Mann, porque ela permite o desenvolvimento do drama. Mas a partir desta escolha, o espetáculo em si foi muito bem composto e satisfaz plenamente ao espectador.

Em Morte em Veneza, Roberto Cordovani mostra como a troca de linguagem não é necessariamente prejudicial



Matriarca de uma das famílias mais influentes da música, Katherine Jackson faz raras aparições

Aos 96 anos, mãe de Michael Jackson vive longe dos holofotes

A matriarca da família Jackson, Katherine Jackson, completou 96 anos na última segunda-feira, levando uma vida cada vez mais reservada nos Estados Unidos. Mãe do Rei do Pop, Michael Jackson, ela permanece como uma das figuras mais importantes por trás da trajetória do artista, mesmo longe da exposição pública.

Após décadas acompanhando de perto a ascensão, os desafios e o legado do filho, Katherine optou por uma rotina discreta, com raras aparições. Ainda assim, sua influência segue presente, especialmente na preservação da memória e da história da família Jackson.

Nascida em 4 de maio de 1930, no Alabama (EUA), Katherine Jackson é conhecida como a matriarca de uma das famílias mais icônicas da música mundial. Ao lado do marido, Joe Jackson, teve dez filhos e foi peça fundamental na formação artística deles.

Durante os primeiros anos do grupo The Jackson 5, ela atuou diretamente nos bastidores, criando figurinos e incentivando o talento musical dos filhos. Pianista e cantora, Katherine teve papel importante no desenvolvimento artístico de Michael, que sempre reconheceu a influência da mãe em sua formação.

A ligação entre Katherine e Michael sempre foi marcada por proximidade e apoio. Mesmo durante os períodos mais turbulentos da carreira do artista, ela permaneceu ao lado dele, inclusive em momentos de acusações e processos judiciais.

Após a morte de Michael, em 2009, Katherine assumiu a guarda dos netos Prince, Paris e Bigi, tornando-se uma figura ainda mais central na estrutura familiar. Ao longo dos anos, manteve-se como responsável por preservar a memória e o legado do cantor.

Ao longo da vida, Katherine enfrentou momentos delicados, tanto no âmbito pessoal quanto familiar. Seu casamento com Joe Jackson foi marcado por conflitos e períodos de separação, mas ela sempre manteve o foco na criação dos filhos.

Além disso, esteve envolvida em disputas judiciais relacionadas ao espólio de Michael e à administração de sua fortuna. Mesmo diante dessas situações, continuou desempenhando um papel de referência dentro da família.

Atualmente, Katherine leva uma rotina discreta e faz poucas aparições públicas. Em ocasiões pontuais, é vista ao lado de familiares, como a filha La Toya Jackson, mas evita a exposição constante.

Mesmo longe dos holofotes, sua presença segue simbólica: ela continua sendo uma das principais guardiãs da história de Michael Jackson e da trajetória da família que ajudou a construir.

Com o lançamento recente da cinebiografia *Michael*, que reacendeu o interesse do público pela história do artista, a figura de Katherine volta a ganhar destaque. Sua trajetória se entrelaça com a do filho e ajuda a explicar não apenas o fenômeno musical, mas também o ambiente familiar que moldou uma das maiores estrelas da música.

fique ligado



DANILO MARQUES/DIVULGAÇÃO/JC

Samba romântico no Araújo Vianna

Nesta sexta-feira, às 21h, o grupo Raça Negra se apresenta no Auditório Araújo Vianna (av. Osvaldo Aranha, 685) com o espetáculo de sua nova turnê *Me leva junto com você*, reunindo sucessos que atravessam gerações e consolidaram a banda como referência do samba romântico no Brasil. Os ingressos custam en-

tre R\$ 230,00 e R\$ 800,00 e estão à venda pela plataforma Sympla.

Sob o comando do cantor Luiz Carlos, o show propõe uma verdadeira viagem pela trajetória do grupo, misturando arranjos inéditos, momentos intimistas e a energia característica que marcou época nas rádios e nos palcos do País. No repertório, constam diversos

clássicos do grupo como *Cheia de manias*, *Tarde demais*, *Sorzinho*, *Lá vai ela* e *Maravilha*; canções executadas ao som de piano como *Preciso dar um tempo* e *Me leva junto com você*; sucessos como *Deus me livre*, *Jeito felino* e *Café da manhã*, além de um *medley* especial com *Doce paixão*, *É o amor* e *Será*.

Animação e música eletrônica em cine-concerto

Promovido pelo CHC Santa Casa em parceria com a Aliança Francesa, o projeto Tela Nômade ocupa o palco do Centro Histórico Cultural Santa Casa (Independência, 75) neste domingo, às 17h. O evento tem entrada franca, com retirada gratuita de ingressos pelo Sympla.

Em formato de cine-concerto combinando filmes de animação e música eletrônica ao

vivo, a atração tem composição musical criada pelos artistas franceses Xavier Garcia e Jérôme Lopez. Ambos integram a Associação à la Recherche d'un Folklore Imaginaire (ARFI), um coletivo de artistas com influências do jazz e das músicas de improvisado que também dialoga com a música contemporânea, eletroacústica e outras tradições musicais diversas.

Lenda feminina do teatro brasileiro

Após sucesso de público no Rio de Janeiro, o musical *O céu de Bibi Ferreira* chega a Porto Alegre para cumprir curta temporada no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) do Multipalco Eva Sopher neste final de semana. As sessões do espetáculo dirigido por Gustavo Barchilon e Carlos Bauzys ocorrem às 20h desta sexta-feira e

de sábado e às 18h de domingo. Os ingressos custam entre R\$ 25,00 e R\$ 250,00 e estão à venda pelo site do Teatro São Pedro.

Com texto de Gabriel Chalista, a montagem conta com Giulia Nadruz, Bárbara Sut, Luísa Vianna e Fernanda Biancamano no elenco. Em cena, elas se desdobram em múltiplas

facetas da atriz, cantora, compositora e diretora Bibi Ferreira (1922-2019), considerada uma das maiores artistas da história do teatro brasileiro. Propondo um encontro entre o íntimo e o universal, a dramaturgia do espetáculo conduz o público por reflexões sobre arte, amor e permanência, em uma experiência sensorial e afetiva.

Saga Guarani em música e documentário

Suíte popular de 12 canções que narra a saga das comunidades Guarani e padres jesuítas nos séculos XVII e XVIII, na região das Missões, no Rio Grande do Sul, a *Cantata Sete Povos* chega à Fundação Ecarta (João Pessoa, 943) neste sábado. A apresentação, que inicia às 18h, tem entrada franca e

transmissão ao vivo, integrando o projeto Ecarta Musical.

Reunindo música, história e reflexão ao revisitar a formação cultural do sul da América Latina, os artistas Raul Ellwanger (voz) e Thiago Colombo (violão de oito cordas) conduzem o público por uma narrativa que percorre um

dos capítulos mais marcantes desse processo histórico, destacando lideranças como Sepé Tiaraju. Ao final, artistas e público ainda participam de uma roda de conversa, com exibição de trechos do documentário homônimo ao espetáculo e a presença do diretor do filme, Omar Barros.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 08 DE MAIO

- ⌚ **15h** - Peça *Histórias Negras para Crianças de Todas as Cores* cumpre temporada na Sala Álvaro Moreyra (Erico Verissimo, 307). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sábado e domingo, 16h.
- ⌚ **19h30min** - Sessão especial do documentário *Tambor Sem Fronteiras*, de Adriana Gonçalves Ferreira, com exibição comentada na Cinemateca Paulo Amorim (Andradas, 736). Entrada franca.
- ⌚ **19h30min** - Escritor Itamar Vieira Júnior em encontro literário no Instituto Goethe (24 de Outubro, 112). Ingressos esgotados.
- ⌚ **20h** - Ospa promove concerto *Sotaques Sinfônicos*, em homenagem ao Rotary Club. Regência de Manfredo Schmiedt. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.051). Antes, às 19h, palestra *Notas de Concerto* com Murilo Alves. De R\$ 15,00 a R\$ 70,00, no Sympla ou no local. Transmissão ao vivo no canal da Ospa no YouTube.
- ⌚ **20h** - Abigail Foster apresenta o monólogo *Textos e canções de amor, vingança e morte*, unindo arte *drag* e teatro. De R\$ 15,00 a R\$ 40,00, pelo Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (18h).
- ⌚ **20h30min** - Espetáculo teatral *Helena Blavatsky, a voz do Silêncio*, com Beth Zalzman, no Teatro da Amrigrs (Ipiranga, 5.311). R\$ 160,00 no Tri.RS e na bilheteria do teatro. Repete sábado, 20h30min.
- ⌚ **21h** - Terceira edição do show *A História do Blues*, com um tributo à obra de Muddy Waters. No Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 17,50, no Sympla.
- ⌚ **21h** - Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) recebe Camila Lopez e O Arrastão no *Tributo Elis Regina*. De R\$ 30,00 a R\$ 70,00 no Tri.RS. Entrada gratuita para membros do Clube 373.
- ⌚ **21h** - Liderado por um dos principais baixistas da música contemporânea, Martin Pizzarelli Trio apresenta seu jazz no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 120,00 no Sympla.
- ⌚ **23h** - O Oriente, um dos nomes mais requisitados do cenário hip hop nacional, faz show no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos, em terceiro lote, a partir de R\$ 80,00 no Sympla.

SÁBADO, 09 DE MAIO

- ⌚ **10h30min** - Margs (Praça da Alfândega, s/nº) abre ao público a exposição *Carlos Wladimirsky - A permanência do tempo*. Entrada gratuita. Visitação de terça-feira a domingo, das 10h às 19h (último acesso às 18h), até 2 de agosto de 2026.
- ⌚ **15h** - Clube de Leitura - Jane Austen retorna à Biblioteca Erico Verissimo, no 3º andar da CCMQ (Andradas, 736). Primeiro encontro debate a obra *Persuasão*. Gratuito, com inscrições em <https://linktr.ee/ccmarioquintana>.
- ⌚ **15h30min** - Angélica Rizzi lança livro infantojuvenil *Minha Escola do Coração* na Biblioteca Pública Lucília Minssen da CCMQ (Andradas, 736). Gratuito.
- ⌚ **16h** - Espetáculo voltado para bebês e a família, *Cuidado que Ronca* tem apresentação especial no Espaço Cuidado que Mancha (Damasco, 162). R\$ 30,00, com opções de meia-entrada, no Sympla.
- ⌚ **17h** - Recital do quarteto Bolling Club, dentro da Série Música de Câmara. Na Sala de Recitais da Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Entrada franca, por ordem de chegada.
- ⌚ **19h** - Pianista e cantor João Ventura interpreta obras de Debussy a Geraldo Azevedo, somadas a composições próprias, no recital *Contraponto* no Instituto Ling (João Caetano, 440). R\$ 60,00, com opções de meia-entrada, no site e na recepção do centro cultural.
- ⌚ **20h** - Ebony, uma das principais estrelas do hip hop nacional, faz show no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos esgotados.
- ⌚ **20h** - Com a premiada atriz Priscilla Colombi, peça *A vingança é um jardim selvagem* reestrea na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). A partir de R\$ 30,00 no Tri.RS. Repete domingo às 19h.
- ⌚ **21h** - Hoje vivendo em Nova York, cantora porto-alegrense Luiza Girardello faz show no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22), propondo abordagem contemporânea da MPB. R\$ 30,00 no Sympla.
- ⌚ **21h** - The Hard Working Band celebra a soul music em show no Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 40,00, no Sympla.
- ⌚ **23h** - Festa Rock n' Bira no Opinião (José do Patrocínio, 834). Banda autoral Steel Cerberus e tributos a Metallica, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e Helloween. De R\$ 52,00 a R\$ 129,00 no Sympla.

DOMINGO, 10 DE MAIO

- ⌚ **20h** - Banda tributo Super Tramp Experience retorna ao Brasil e faz show no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 70,00, no Sympla.

reportagem cultural

Quadrinhos do mundo real

Daniel Sanes *

Apesar de ter nascido em Porto Alegre, Lobo é um cidadão do mundo. Viveu a maior parte de seus 56 anos no Centro do País: a infância e a adolescência em cidades do interior paulista, como Campinas e Botucatu; depois, Santa Catarina (Joinville e Blumenau) e Rio de Janeiro, com “longas passagens” por Curitiba, São Paulo e Belo Horizonte.

A paixão pela leitura foi despertada pelo pai, Ronaldo, um administrador de empresas que levava os filhos todos os sábados para comprar gibi. A cada visita à banca, ele e o irmão mais novo, Adriano, tinham direito a escolher uma revistinha. E assim foi conhecendo a Turma da Mônica, Luluzinha, Tio Patinhas... Da Disney, quem mais o atraía era Zé Carioca – além de o personagem morar na Vila Xurupita, uma típica favela carioca, os traços eram um tanto “esgualapados”, como descreve

Lobo. Só depois ele descobriria que o desenhista era o gaúcho Renato Canini.

De tempos em tempos, a mãe, Vera, pegava as HQs já lidas e levava a uma feira para trocar por “inéditas”. “Ela achava que estava fazendo um super negócio para a gente”, ri. Como ele não queria se desfazer de tudo, passou a esconder os gibis preferidos. Foi assim que começou sua coleção.

Aos 14 anos, viajou para o Rio junto com a avó, para ajudar um tio em reabilitação do alcoolismo. “Ele tinha uma coleção fantástica. Conheci os revistões da RGE (a extinta Rio Gráfica Editora); descobri o Rango, do Edgar Vasques, e Mafalda (do argentino Quino)”, recorda.

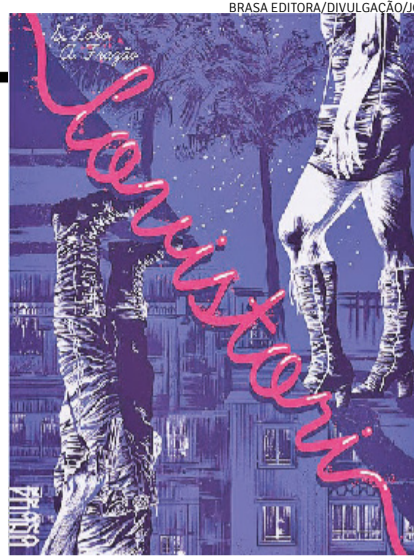
Uma dessas leituras o marcou profundamente: *Vida e morte de Gerhard Shnobble*, da série *The Spirit*, de Will Eisner. A trama foca em um vigia de banco fracassado, que sonha em deixar sua marca no mundo. “Até

então, eu via quadrinhos como muita gente ainda vê: como coisa de criança. Não imaginava que era possível contar uma história como aquela”, afirma.

Curiosamente, Zé Carioca e Gerhard Shnobble têm algo em comum: ambos são, de alguma forma, personagens que vivem à margem da sociedade. Lobo logo percebeu que aquilo o fascinava.

Quando leu a peça teatral *Barrela*, de Plínio Marcos, passou a noite acordado, absorvendo o impacto. O filme *Perdidos da Noite*, estrelado por Jon Voight e Dustin Hoffman, também o tocou. “Aqueles figuras estranhas, degradadas, eram impressionantes demais”, lembra.

O interesse por tipos marginais foi amplificado pelos mestres da literatura russa, como Tchecov, Gógol e Dostoiévski. Mas o verdadeiro choque, que influenciou suas escolhas enquanto roteirista, não viria da ficção, e sim da própria realidade.



‘Achei minha medida no mundo’

Até os 17 anos, Lobo ‘dava expediente’ de patins em uma praça em Botucatu. Muitas vezes, voltava de madrugada para casa. No Interior, não era problema.

Ao se mudar para o Rio, na década de 1990, resolveu manter a rotina, fazendo caminhadas noturnas em Copacabana. Na cidade grande, porém, tudo parecia mais vívido: havia prostitutas, traficantes, taxistas, garçons, turistas...

Com o tempo, andava cada vez menos e observava mais. “Aquele universo me englobou de tal forma... Embora minha casa nunca tenha sido um ambiente preconceituoso, todo o entorno era. Então, eu tinha todas as opiniões horríveis que os homens costumam ter”, confessa. Aos poucos, começou a ver aquelas pessoas com outros olhos: “Elas estavam tão perdidas quanto eu”.

Certo dia, a pedido da mãe, foi trocar mil dólares em uma casa de câmbio. Guardou o dinheiro na calça e esqueceu completamente. À noite, após uma festa, pegou o ônibus para voltar para casa – porém, como estava um pouco mais ‘alto’, acabou descendo na parada errada.

Ao seguir a pé, sentiu dois sujeitos se aproximando. Lembrou dos dólares, e, no desespero, vagou em direção a um ponto de prostituição. Ao ver a aflição do rapaz, uma travesti encarou os ladrões e desafiou: “Vocês são malucos de assaltar o meu cliente?”.

“Ela tinha várias lâminas de barbear na mão, parecia o Wolverine. Os caras se mandaram”, diverte-se o quadrinista. Lobo agradeceu sua salvadora e questionou porque ela havia se colocado em risco por um desconhecido. A resposta foi desconcertante: “Porque você passa aqui todo dia, a gente mexe contigo e, mesmo assim, você dá boa noite pra gente”.

Aquilo mudou a vida de Lobo. “Achei minha medida no mundo, e quando isso acontece, você começa a fazer sua própria história”, diz, emocionado.

O jovem quis interagir ainda mais com os “estranhos” da praia,

Em *Copacabana* e *Lovistori*, quadrinista abordou temas delicados, como prostituição, preconceito e violência



registrando tudo em um caderninho. Primeiro, tentou dar uma de repórter, mas notou que as pessoas inventavam histórias. Decidiu entrar de cabeça naquele mundo: “Eu ficava bebendo e conversando. No dia seguinte, escrevia tudo o que lembrava”.

Das anotações, nasceu *Copacabana* (2009), retrato de um Rio que pouca gente enxergava – ou queria enxergar. O romance gráfico foi ilustrado pelo também gaúcho Odyr Bernardi, que é só elogios ao roteiro.

“Conheço Lobo há algumas décadas, trabalhamos juntos na defunta editora Desidrata. Em *Copacabana*, ele me impressionou por seu ouvido da voz das ruas”, destaca o quadrinista.

Mesmo assim, entende que o fato de o amigo ter ido “para o outro lado da mesa”, como editor, faz todo o sentido. “Ele tem os talentos necessários, com quadrinhos e com pessoas. Lobo é um virtuose do trato humano.”

Em *Lovistori*, o roteirista retorna ao universo de *Copacabana* – desta vez, em parceria com Alcimar Frazão. Novamente, chama atenção a delicadeza com que aborda questões de gênero, racismo e violência e institucional.

Para a professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Maria Clara Carneiro, essa sensibilidade não surpreende. Assistente de Lobo na editora Barba Negra, ela diz que o ex-chefe sempre foi um editor cuidadoso, sob todos os aspectos.

“Com ele, comecei a entender muita coisa com relação aos quadrinhos que, enquanto leitora, não reparava: o conjunto da página, a relação com o tipo de impressão... São poucas pessoas no meio editorial brasileiro que têm essa percepção”, afirma Maria Clara, que também atua como pesquisadora e tradutora de HQs.

“O Lobo tem um olhar muito atento, além de ser um excelente roteirista. *Copacabana* e *Lovistori*, duas obras que têm histórias de mulheres que trabalham na prostituição, estão entre os meus quadrinhos favoritos.”



Lobo, quadrinista e proprietário da Brasa Editora, começou a coleção escondendo os gibis da mãe

Entre altos e baixos, uma trajetória de respeito

Realizada em 1991, a primeira Bienal Internacional de Quadrinhos do Rio de Janeiro foi, também, a chance de Lobo mergulhar no universo das HQs. Ali, teve contato com grandes nomes da arte sequencial, tanto do Brasil quanto do exterior.

“Atendia o telefone e, do outro lado da linha, estavam Will Eisner, Frank Miller! Conheci Laerte, Angeli, Glauco, os caras todos. E Flavio Colin, que, para mim, é o maior quadrinista de todos os tempos”, exalta.

Como era preciso pagar as contas, seguia fazendo bicos no mercado publicitário. Mas sem abandonar os quadrinhos jamais: em 2003, ao lado de Renato Lima, fundou a *Mosh!*, revistinha com temática voltada ao rock’n’roll.

Mesmo tendo apenas 12 edições, a publicação marcou época por abrir espaço para nomes emergentes dos quadrinhos. E,

apesar de não ser exatamente um sucesso de vendas (“custava R\$ 3,00, mas tinha quem achasse que era de graça; acabamos produzindo shows e incluímos a revista no valor do ingresso”), a *Mosh!* ganhou o HQ Mix de melhor publicação independente, em 2005, e de melhor publicação Mix, no ano seguinte. Para Lobo, trouxe visibilidade e a chance de trabalhar na Desiderata, onde editou livros de autores como Milôr Fernandes.

Após mais um período na publicidade, começou a planejar sua primeira investida própria: a Barba Negra. Operando com o suporte do grupo português LeYa, a editora teve vida curta, mas gerou obras de alta qualidade, como *Morro da Favela*, de André Diniz.

“A Barba Negra foi uma aventura muito louca. Havia grana no começo, mas depois a coisa ficou instável e, quando se instalou



Interesse por personagens à margem motivou Lobo a escrever suas histórias

uma crise financeira na Europa, em 2012, foi o fim”, explica.

Desanimado, com dificuldades financeiras e problemas familiares, Lobo resolveu morar em Porto Alegre, onde começou a ministrar cursos de autopublicação. Um dos alunos foi o paraense Gidalti Jr., que queria produzir seu primeiro livro, *Castanha do Pará*. “No fim, ele viu que não curtia fazer nada daquilo e me perguntou se não poderia editá-lo.”

Em paralelo, Lobo busca-

va se firmar como autor. Começou a vender *Copacabana* para o exterior – saiu na França e em Portugal – e foi convidado para o Salão do Livro de Paris, em 2015. “Quando voltei, comecei a trabalhar no livro do Gidalti de forma independente; inscrevemos *Castanha do Pará* no Jabuti e acabamos ganhando, em 2017, o prêmio de melhor quadrinho, na estreia da categoria”, lembra.

Segundo Gidalti, Lobo teve um papel fundamental na con-

quista, pois foi o primeiro editor a pegar seu material bruto e lapidar. “Além de transmitir fundamentos do mercado editorial, ele conseguiu direcionar minha pesquisa gráfica e estética, ajudando no desenvolvimento do trabalho”, afirma.

O quadrinista também considera Lobo um editor ousado, que aposta em projetos de risco, tanto no conteúdo quanto na forma: “Esse lado destemido dele permite que novos autores venham à luz”.

Autor de *Deslizando pro inferno*, Rodrigo Geraldini conheceu Lobo há apenas três anos, quando, “contra qualquer evidência razoável”, foi convidado para trabalhar na Brasa. Para ele, Lobo edita de um jeito raro, se empolgando até mesmo com detalhes que o próprio autor ainda não viu.

“Tudo passa por esse olhar sensível e rigoroso, sempre em busca do melhor livro possível, sem vaidade e com os pés fincados no chão. É uma das pessoas mais generosas que conheci e, na minha opinião, o melhor editor de conteúdo do País”, elogia o cartunista.

Quatro obras para entender o trabalho de Lobo como editor

Pedimos a Lobo que apontasse as obras que melhor sintetizam seu trabalho como editor. Ele escolheu algumas e explicou por que deixou outras de fora:

“Considero que minha edição em *Copacabana* foi fraca – vejo muitos problemas no livro. Não vou citar *Lovistori* porque, como fui o roteirista, preferi ter outro editor, o Lielson Zeni. Já *Brega Story* vejo como uma evolução do trabalho do Gidalti Jr. Em *Castanha do Pará*, ele ainda estava um pouco perdido. Aqui, ele já tinha compreendido qual era o lugar dele.”

■ *Morro da Favela*, de André Diniz – “Foi quando entendi que sabia editar, tive um verdadeiro senso de realização. Até então, me achava um farsante.”

■ *MPQ (Música Popular em Quadrinhos)*, vários autores – “Na verdade, esse projeto (uma coleção de histórias inspiradas em grandes sucessos da MPB) começou com letras do Marcelo Yuka (ex-baterista de O Rappa), ainda na Barba Negra, mas o livro original acabou engavetado. É um trabalho do qual tenho muito orgulho.”

■ *Barrela*, de Plínio Marcos, adaptado por João Pinheiro – “Publicar essa adaptação foi a realização de um sonho.”

■ *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. – “Um trabalho que ganhou o Jabuti, competindo com gente muito mais experiente. Para mim, foi um ponto de virada.”



Um amigo, um irmão

Por Caco Xavier, quadrinista

Lobo é meu irmão, daqueles que a gente escolhe.

Nos conhecemos nas etapas de preparação da 1ª Bienal Internacional de Quadrinhos, em 1991, no Rio. Ele chegou como “estagiário”, só porque queria estar naquele ambiente. Eu também era jovem, atuava como curador das exposições. A gente costuma dizer que aquele foi o “Woodstock dos quadrinhos”: veio todo mundo, foi mágico, impactou a cena cultural por décadas e, claro, deixou dívidas, lembranças inigualáveis e eternas amizades. A partir daí, fomos descobrindo afinidades, embora estivéssemos em momentos de vida quase sempre diferentes. Somos grandes parceiros de tantos projetos fracassados, e também de gloriosas lutas inglórias. Fizemos alguns quadrinhos juntos, organizamos oficinas para crianças e chegamos até a ganhar o primeiro

prêmio no Salão Carioca de Humor (por *Bingulu, o homem mais engraçado do mundo*). Vivemos em cidades diferentes há muitos anos. Mas sempre segui acompanhando sua trajetória, de designer-roteirista até a concretização maior de suas habilidades, conhecimentos e práticas. À frente da Brasa, Lobo tornou-se um dos melhores – se não o melhor – editor de quadrinhos do Brasil. Vê-lo ativando essa usina de excelentes publicações e subindo ao palco do HQ Mix para receber prêmios de Melhor Editora do Ano não tem preço! Por coincidência, acabo de voltar de Porto Alegre, onde participei do lançamento de *Vila-Velha* (roteiro meu com desenho de Flavio Colin), na Zine Livraria. Foi uma ótima oportunidade de revê-lo e colocar a conversa em dia, ainda mais que havíamos privado juntos da amizade do mestre Colin, no início dos anos 1990. Tenho muito orgulho desse meu amigo-irmão. E seguimos com os planos diários de dominação do mundo (dos quadrinhos)!



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Já foi repórter e editor no *Jornal do Comércio*. Hoje, trabalha na *República – Agência de Conteúdo* e atua como freelancer.

nas telas

Camadas ocultas do comportamento humano

Se, como atriz, Djin Sganzerla deu vida a personagens provocativas e libertárias, como cineasta ela se dedica à investigação da experiência feminina. Seu novo filme, *Eclipse*, nasceu após a cineasta tomar conhecimento de um caso real: o de uma mulher que descobriu que o próprio marido a difamava e ameaçava de morte em um fórum na internet. A partir desse

ponto, Djin imaginou o encontro entre uma astrônoma grávida e sua meia-irmã de origem indígena — um encontro que destrava memórias reprimidas e expõe camadas ocultas de relações abusivas, no passado e no presente. Do choque entre ciência e ancestralidade, emerge uma jornada marcada por intuição, investigação e transformação.



MERCÚRIO PRODUÇÕES/DIVULGAÇÃO/IC

Dirigido e estrelado por Djin Sganzerla (dir), *Eclipse* chega aos cinemas

Nova edição do Cinepsiquiatria

O Praia de Belas Shopping (Praia de Belas, 1.181) recebe neste sábado, às 10h30min, mais uma edição do projeto Cinepsiquiatria, iniciativa que propõe a reflexão sobre temas emocionais e comportamentais por meio da sétima arte. Nesta edição, o público poderá assistir ao clássico *O Morro dos Ventos Uivantes*, inspirado na obra da escritora Emily Brontë, em uma sessão espe-

cial no GNC Cinemas com meia-entrada para todos os participantes. O Cinepsiquiatria tem como objetivo ampliar o olhar do público sobre saúde mental, utilizando o cinema como ferramenta de conexão, empatia e aprendizado. A iniciativa promove um ambiente acessível e acolhedor, incentivando o debate e a troca de percepções entre os presentes.

Amor incondicional entre mãe e filho

Baseado na autobiografia do advogado francês Roland Perez, que nasceu com uma deficiência que o impedia de andar, o longa *Era Uma Vez Minha Mãe* chega aos cinemas brasileiros neste final de semana de Dia das Mães. O longa se passa em 1963, quando Esther dá à luz Roland, que nasce com pé torto e

não consegue andar. Contra a opinião de todos, ela lhe promete uma vida normal e maravilhosa — e passa a vida inteira tentando cumprir essa promessa. Ao longo dessa trajetória, Roland realiza seus sonhos com o apoio da mãe e tendo a cantora Sylvie Vartan como presença constante em sua vida.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Separa Taiwan da China	(?) nullius: coisa sem dono (latim)	Vestuário esportivo (?) Reed, cantor	O modo de transmissão das lendas	12 de junho	O "Samurai da Pintura", no Brasil
As duas sub-regiões nordestinas de maior densidade populacional				Raça zebu	Sufixo de "opositor": "agente"
Pseudociência dos antigos caldeus					
O canto oficial da Igreja Católica					
Pôr a salvo					
		Eu, em inglês	Ganho, em inglês	À sombra de	Artesão do marfim
Regra		Bagatela; ninharia		Fava condimentar	
Vocalista do extinto The Police				Sem nuvens	
Monarquia polinésia				Feixe de flores	
Risonha; contente				Condição do foca, no jornalismo	
		Sepultar; enterrar			
		Encanto pessoal			
				Orixá dos rios, no Candomblé	
O balcão acima da plateia (Teat.)			Doença infecciosa		
			Passar a vassoura		
Hora canônica às três da tarde		Frutos silvestres roxos			O cão perseguido por Cruella (Cin.)
		A esmo			
Capital da Síria		Dedicada a orações		Peça com seis faces numeradas	
		Dono; senhor			
Movimento artístico do qual Cecília Meireles participou				Terminação dos álcoois (Quím.)	Observação (abrev.)
				Função do guindaste	
Carta de baralho					
Iguaria típica do "fast-food" (pl.)		Formato de conexões hidráulicas		Componente de cremes dentais	Adoniran Barbosa, compositor

BANCO 1/1. 2/it. 3/ruu — res. 4/gain. 5/string. 7/damasco — jogging. 8/eborário. 19

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

© coquetel | editoraCoquetel

Solução

S	V	I	R	S	V	A	T	V	B
B	V	A	V	A	T	S	A	V	
O	M	S	N	R	O	D	O	W	
	L	O	O	A	M	V			
O	O	O	O	V	A	R	A		
I	V	O	V	A	V	A	N		
R	R	V	T	I	F	O			
R	O	O	N	I	N	V	E		
R	V	U	I	N	V	A	R		
O	M	V	V	G	N	O	T		
E	B	U	N	I	N	I	S		
B	B	S	L	I	I	L	E		
R	V	D	V	U	G	S	E		
O	N	V	I	R	O	G	E		
V	I	G	O	L	O	R	S		
W	O			J	E				

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Você pretende dizer uma coisa e pode acabar sendo interpretado de maneira errada e completamente diferente. Você se interessa pelas pessoas, mas pode não enxergá-las.

Câncer: Em sua fase de recolhimento e reflexão, você hoje pode se confundir, em especial com amigos e no trabalho. Acalme a turbulência da emoção para enxergar com maior clareza.

Touro: Atente para a possibilidade de, sem querer, você agir contra si mesmo, em especial quanto às suas vontades e motivações. Firme seu pensamento antes de tomar direção.

Libra: Seus sentimentos para com as pessoas se confundem. Você imagina as pessoas de um jeito que elas não são, o que gera expectativas enganosas. Não se perca dos limites.

Gêmeos: Suas inspirações podem ter base falsa neste momento. As amizades não são exatamente o que parecem ser. Contudo, você está romântico e apaixonado, pela vida em geral.

Leão: Não se comprometa no trabalho assumindo direções das quais não tem certeza. Evite enfiar os pés pelas mãos. Você julga pessoas e situações a partir de possível engano.

Escorpião: Pequenos erros na condução dos afazeres complicam as relações próximas e podem trazer prejuízo material. No trato com a saúde, não seja afoito, atente aos detalhes.

Virgem: Defina bem os compromissos. Seja escrupuloso ao receber ou proporcionar favores. Os apoios prometidos para seu trabalho correm o risco de não ser o que pareciam.

Capricórnio: A falta de direção dificulta as ações no trabalho e nas ações de rotina. Você começa indo para um lado e termina indo para outro, sem perceber. Possíveis erros de avaliação.

Aquário: Um modo impreciso e confuso de se comunicar poderá prejudicar a vida amorosa. A insatisfação se deve muito mais a deficiências de comunicação do que à própria relação.

Peixes: As negociações com dinheiro e em assuntos comerciais terminam mal, caso não seja preciso e eficiente. Há aspectos da situação que você não percebeu corretamente.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A IA super-humana pode nos matar?

A Inteligência Artificial é um dos temas globais dominantes atualmente. Em 2023, centenas de personalidades do campo da tecnologia assinaram uma carta aberta alertando sobre os riscos que a IA representa para a vida humana. Desde então, a corrida da IA se intensificou, com países e empresas criando máquinas cada vez mais inteligentes. O mundo não está preparado para isso.

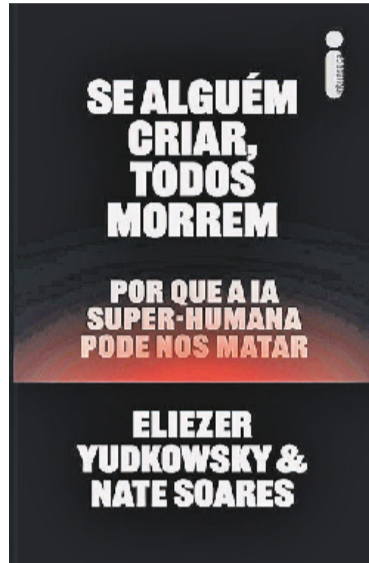
Se alguém criar, todos morrem (Editora Intrínseca, 320 pág, R\$ 68,30), de Eliezer Yudkowsky e Nate Soares, pesquisadores e especialistas pioneiros em IA com longa experiência e reconhecimento internacional, levantam uma questão mundial essencial: por que a IA super-humana pode nos matar. O livro foi *best-seller* instantâneo no The New York Times e foi eleito com um dos melhores livros de 2025 por The New Yorker, The Guardian e Booklist.

Os autores pesquisaram

o tema durante décadas. Eles mostram como as IAs superiores à inteligência humana vão pensar, se comportar e perseguir seus objetivos. Essas IAs podem desenvolver metas conflitantes com a humanidade e vencer. Os humanos não teriam a menor chance na disputa. Mas ainda dá tempo de pensar e agir.

Depois de bem diagnosticar o problemão, os autores apontam possíveis caminhos para a humanidade sobreviver. No capítulo final, número 14, os autores se dirigem diretamente a governantes, políticos, jornalistas e leitores em geral e apontam ideias e ações para enfrentar as IAs super-humanas. Os autores entendem que não apenas os cientistas devem esclarecer sobre as IAs e que a imprensa tem o dever de explicar às pessoas o que elas estão enfrentando.

Não é à toa que Max Tegmark, professor do MIT e autor de *Vida 3.0*, considerou *Se alguém criar, todos morrem* o livro da década. Sem dúvida os



governos globais devem reconhecer os riscos e partir para uma ação conjunta e efetiva, que ao fim e ao cabo, é de interesse de todos. Já tivemos medo de bombas nucleares. Agora o inimigo é outro. Temos que fazer, cada um de nós, a nossa parte.

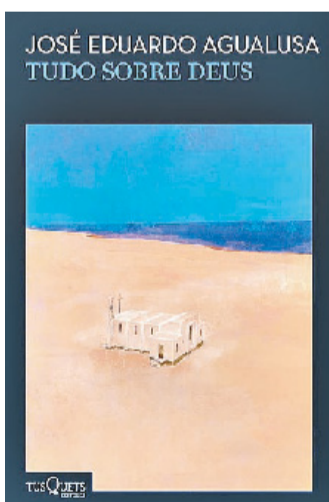
e palavras...

COLABORANDO COM A CULTURA RIO-GRANDENSE

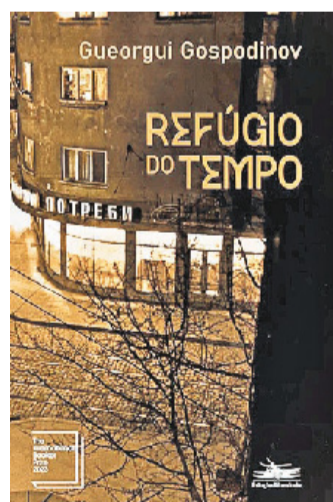
A sagrada, por vezes profana, e multissecular missão do jornalista não deve se resumir a informar, comentar, interpretar, analisar, opinar, editar, reportar e filtrar 'contúidos'. Imbuído desse espírito holístico, hoje apresento minha modesta colaboração à nossa cultura rio-grandense, que, como se sabe, tem façanhas e modelos com projeção nacional e internacional. Então, sem mais prolegômenos e delongas, vamos às frases que reinventam nosso universo gaudério:

- ▶ “Mais lida que a coluna do Fernando Albrecht.”
- ▶ “Mais ortodoxo que o rótulo da Olina.”
- ▶ “Mais rico que advogado tributarista amigo de ministro.”
- ▶ “Mais desconfortável que gordo de gravata e terno com colete.”
- ▶ “Mais comprida que esperança de brasileiro.”
- ▶ “Mais complicado do que explicar dois presos e duas medidas.”
- ▶ “Mais errado do que o politicamente correto.”
- ▶ “Mais forte do que o segurança do Mike Tyson.”
- ▶ “Voando mais que motoboy na sexta-feira de tarde.”
- ▶ “Mais repetida que promessa de emagrecer no fim do ano.”
- ▶ “Mais longeva do que a bela carreira do Elói Zorzetto na RBS.”
- ▶ “Mais pedido do que impeachment de Ministro do STF no Senado.”
- ▶ “Mais lindo que gol de bicicleta na grande área.”
- ▶ “Mais forte do que o carro do Presidente dos Estados Unidos.”
- ▶ “Mais custoso do que remédio para câncer.”
- ▶ “Mais decidido que vestibulando de Medicina na Universidade Federal.”
- ▶ “Mais enalhada que a obra do Cais Mauá de Porto Alegre.”
- ▶ “Mais falada do que urna eletrônica sem impressora de voto.”
- ▶ “Mais parecido com o Keith Richards do que a Maria Bethânia.”
- ▶ “Mais faceira que sobrinha da Tia Carmen no período da Expointer.”
- ▶ “Mais organizado que churrasco de alemão.”
- ▶ “Mais delicado que psiquiatra japonês.”
- ▶ “Mais feia do que selfie de paraguaio baleado.”
- ▶ “Mais secreto que o molho do Cachorro do Rosário.”
- ▶ “Mais acreditado que o Jornal do Comércio.”
- ▶ “Mais antigos que o Gambirinus e o Café e Confeitaria Matheus.”
- ▶ “Mais enterrada que a Rua da Praia no livro do Nilo Ruschel.”
- ▶ “Mais poderoso que diretor da Assembleia Legislativa.”

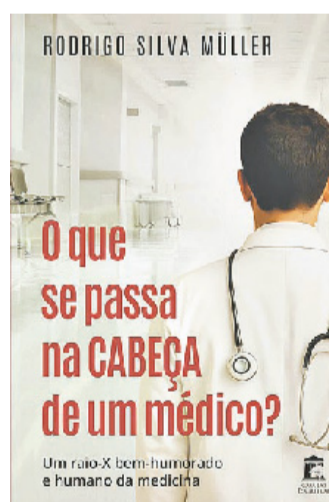
lançamentos



▶ **Tudo sobre Deus** (Editora Planeta, 160 pág, R\$ 47,00), do premiado e consagrado escritor angolano José Eduardo Agualusa, é protagonizado por homem que vai morrer e compra uma igreja abandonada, no deserto, onde vai morar. Nos meses que lhe restam vai lembrar da filha, da arte de se despedir e do milagre de permanecer. Finitude, memória, culpa e redenção estão na obra.



▶ **Refúgio do tempo** (Estação Liberdade, 286 pág, R\$ 64,80), romance do premiado búlgaro Gueorgui Gospodinov, ganhou o International Booker Prize de 2023. O autor é considerado um Proust do Leste e, com ficção memorialística, traz a história recente de uma Europa inquieta. O protagonista cria uma “clínica do passado” para tratar o Alzheimer. Romance macabro, bem-humorado, fala de tempo, nacionalidade e identidade.



▶ **O que se passa na cabeça de um médico?** (Casa do Escritor, 178 pág), de Rodrigo Silva Müller, médico, gestor hospitalar e professor, abre a mente médica e revela o raro: o raciocínio por trás das decisões, das dúvidas, da cautela e, por vezes, da coragem de dizer “não sei”. Humor ácido, histórias reais, reflexões surpreendentes e a ironia da medicina pós-moderna estão na obra, para se saber como a medicina realmente funciona.

a propósito

- “Mais marrento que pêssego correntino metido a damasco portenho.”
- “Mais falante que uruguaio depois de uma garrafa de Tannat.”
- “Mais solita e deslocada que a estátua do Laçador.”
- “Mais perigoso e caro que ter amante argentina, chácara de fim de semana, avião, cavalo no prado, mansão tombada, livraria e barco.”
- “Mais demoradas que as obras do Cinema Imperial.”
- “Mais lembrado e na boca do povo que o Mario Quintana, o Imortal dos leitores.”

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Artur Wais traz a jovem Porto Alegre em disco

Andressa Pufal

Tem gente que abre a boca e a gente já sabe de onde veio. Seja por um sotaque, pelos assuntos que norteiam as conversas ou pela cadência da fala. Artur Wais canta e deixa escapar por entre os lábios a nossa Porto Alegre, o Brasil e a América Latina. Essa voz da nossa terra agora foi compilada em seu álbum de estreia, *Se Acostumar*, que já circula pelas plataformas digitais de música.

Misturando referências de MPB, música gaúcha e sonoridades latinas, o disco tem 14 canções que sonorizam sentimentos e conceitos como a impermanência, o amor e a existência. Dividido em *Chegadas* (lado A) e *Partidas* (lado B), a organização do disco

evidencia o contraste entre canções de amor, compiladas no lado A, e a ideia de fugacidade da vida contemporânea nas composições do lado B.

O músico atua quase como um cronista, reunindo costumes e hábitos da juventude urbana porto-alegrense da qual faz parte. Com canção e lirismo, Wais eterniza as experiências de uma geração que vive Porto Alegre na atualidade. Nas letras, se desenha um mapa afetivo da cidade: somos convidados a tomar uma cerveja em bares como Ossip, Eskibar e Fuga, ou a passear pelos bairros Menino Deus, Bom Fim e Santo Antônio. “Quero ter no Sul”, diz o autor na canção *Menina Bethânia*, e complementa dizendo que quer experimentar



Em *Se Acostumar*, cantor e compositor assume a posição de cronista da vivência urbana na capital gaúcha

“teu beijo de mate, amargo de doce”, na faixa *Três*.

Por gerações a música gaúcha ficou conhecida por trazer o campo, a figura bruta do gaudério, o cavalo, a gaita. Agora, inspirada pelo tradicional rock gaúcho urbano, uma nova geração de autores constrói o *ethos* de uma nova figura sulista, mais aberta a referências que vêm de outras partes do Brasil.

“Acho que a gente tem que assumir e achar legal quem a gente é. Trazer essa cultura do Sul, entender o que nos forma, trazer isso pra arte”, reflete Wais. “Esses espaços formam quem a gente é.

Os espaços e mais um milhão de pequenas coisas.” A cultura sulina ainda se evidencia nas referências a Pelotas, Laranjal e São Sepé, se misturando aos novos antigos hábitos de uma geração, como *mullets* e *kumbayás*.

Produzido por Marcelo Corsetti, que também assume a guitarra em algumas faixas, o disco traz parcerias com Guilherme Becker, Cecília Tres, Marília Kosby, Nandico Saldanha e Brenda Billmann. As composições surgiram ao longo dos anos, reunindo experiências, países, referências diversas. “Comigo acontece assim: vou compondo e, quando vejo, tenho

material para um disco inteiro”, comenta.

Artur Wais recebeu cinco indicações ao Prêmio Açorianos de Música pelo álbum *Nós Nessa Cidade* (do grupo Rota de Pedestre, 2022) e em 2024 lançou nas plataformas digitais o single *Sobreviver aos 30*, gravado durante uma residência artística em Bologna, na Itália.

Durante este ano, o plano do músico é viver ao máximo o momento do novo álbum: entender a recepção do público, aprender com as apresentações e aprimorar o fazer artístico para os próximos lançamentos.

qual é a boa?

Toda semana, a equipe do Jornal do Comércio traz para você sugestões de como curtir a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, dá para ir ao teatro, curtir oficinas com a criançada, saborear um blues e até cantar um heavy metal no cinema! Confira!



Como fã de heavy metal, tenho um compromisso inadiável nesse final de semana: ir a uma das sessões de *Iron Maiden: Burning Ambition*, documentário que acaba de chegar aos cinemas. O longa celebra as cinco décadas de carreira de uma banda que, para os apreciadores de som pesado, dispensa apresentações - e pode ser uma boa até para quem não curte o estilo, já que narra a ascensão de uns moleques que tocavam em *pubs* minúsculos de Londres até as turnês mundiais a bordo de um jato particular, pilotado pelo próprio vocalista Bruce Dickinson! Só prepare-se para uma sessão bem barulhenta, pois duvido que os fãs da Donzela vão ficar quietinhos na poltrona...

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Para quem tem criança em casa, tenho uma dica que mistura entretenimento e distanciamento das telas. O shopping Paseo, na Zona Sul de Porto Alegre, promoverá neste sábado a Oficina Kids, para fazer presentes de Dia das Mães. A atividade, que envolve a criação de um vasinho decorado, está marcada para as 15h. Ali perto, o Pontal Shopping também tem uma agenda bacana com pintura em taças de vidro, criação de cartões personalizados e de bloquinhos criativos. No sábado, há horários ao longo do dia, mas é preciso reservar conforme a disponibilidade. Links e mais informações estão nas contas do Instagram @paseozonasul e @pontalshoppingoficial.

Mauro Belo Schneider,
editor-executivo do JC



Se você procura um programa especial para os próximos finais de semana, minha sugestão é correr para a Sala Álvaro Moreyra. A peça *Histórias negras para crianças de todas as cores* é daquelas joias que encantam tanto pequenos quanto adultos. Em cartaz de sexta a domingo, às 16h, a peça traz a fenomenal Dedy Ricardo, que segura o público do início ao fim só no ‘gogó’ e no talento, alternando entre a menina Suma e o temido feiticeiro Obayo de um jeito que a gente até esquece que está no teatro. A trilha é toda ao vivo: tem milonga, tem kalimba e sons de floresta que nos fazem viajar para o continente africano. É lindo, educativo e super necessário para valorizar a cultura afro-gaúcha.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Eu sou super fã da música tradicional americana, principalmente jazz. Por isso adoro o Grezz, no Quarto Distrito, que já virou a casa do jazz e do blues aqui em Porto Alegre. Mas neste sábado, às 21h, a atração da casa é outra: a terceira edição do projeto A História do Blues traz um tributo à obra do guitarrista Muddy Waters, principal nome do cenário blueseiro de Chicago. O repertório vai ser tocado pela banda The Mannish Boy (aliás, nome de uma das canções mais famosas de Waters), com alguns dos principais músicos de blues do Estado. Programa imperdível, seja pela música, seja pelo espírito boêmio e noturno da voz grave e da guitarra afiada de Muddy Waters.

Livia Araújo, repórter
do Jornal Cidades